

## De onde vem as coisas?

[...]

Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que as dos mísseis.

[...]

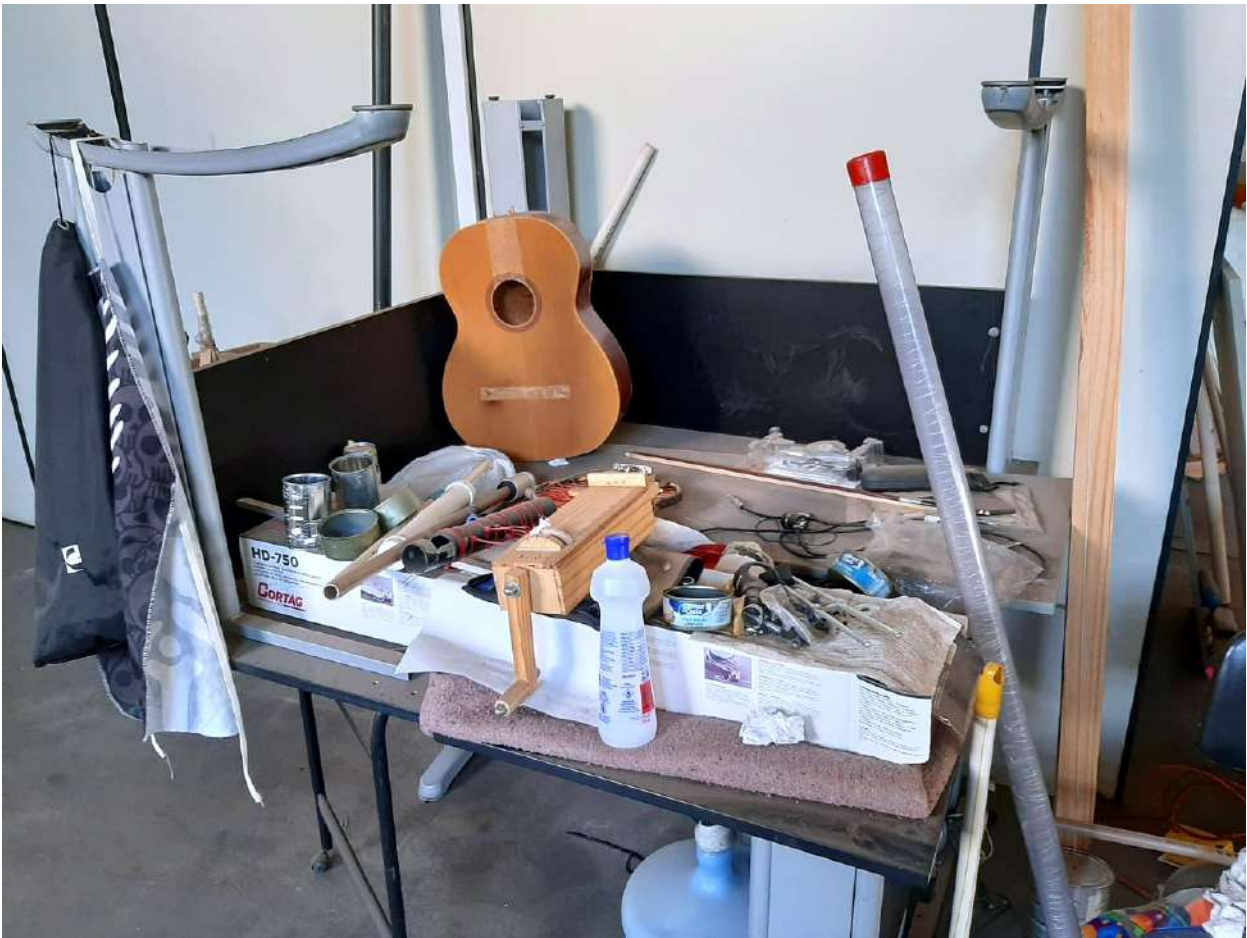
Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos  
como as boas moscas.  
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
Porque eu não sou da informática:  
eu sou da  
invencionática.  
Só uso a palavra para compor os meus silêncios.

(Manoel de Barros)











## A desinvenção dos objetos

Desinventar objetos.  
O pente, por exemplo.  
Dar ao pente funções de não pentear.  
Até que ele fique à disposição de ser uma begônia.  
Ou uma gravanha.

Usar umas palavras que ainda não tenham idioma.  
(Manoel de Barros)

















## As coisas, os corpos, as sonoridades

Quebrar o brinquedo  
é mais divertido. As peças são outros jogos:  
construiremos outro segredo.  
Os cacos são outros reais  
antes ocultos pela forma  
e o jogo estraçalhado  
se multiplica ao infinito  
e é mais real que a integridade: mais lúcido. Mundos frágeis adquiridos  
no despedaçamento de um só.  
E o saber do real múltiplo  
e o sabor dos reais possíveis  
e o livre jogo instituído  
contra a limitação das coisas  
contra a forma anterior do espelho. E a vertigem das novas formas  
multiplicando a consciência  
e a consciência que se cria  
em jogos múltiplos e lúcidos  
até gerar-se totalmente:  
no exercício do jogo  
esgotando os níveis do ser. Quebrar o brinquedo ainda  
é mais brincar.

(Orides Fontela)













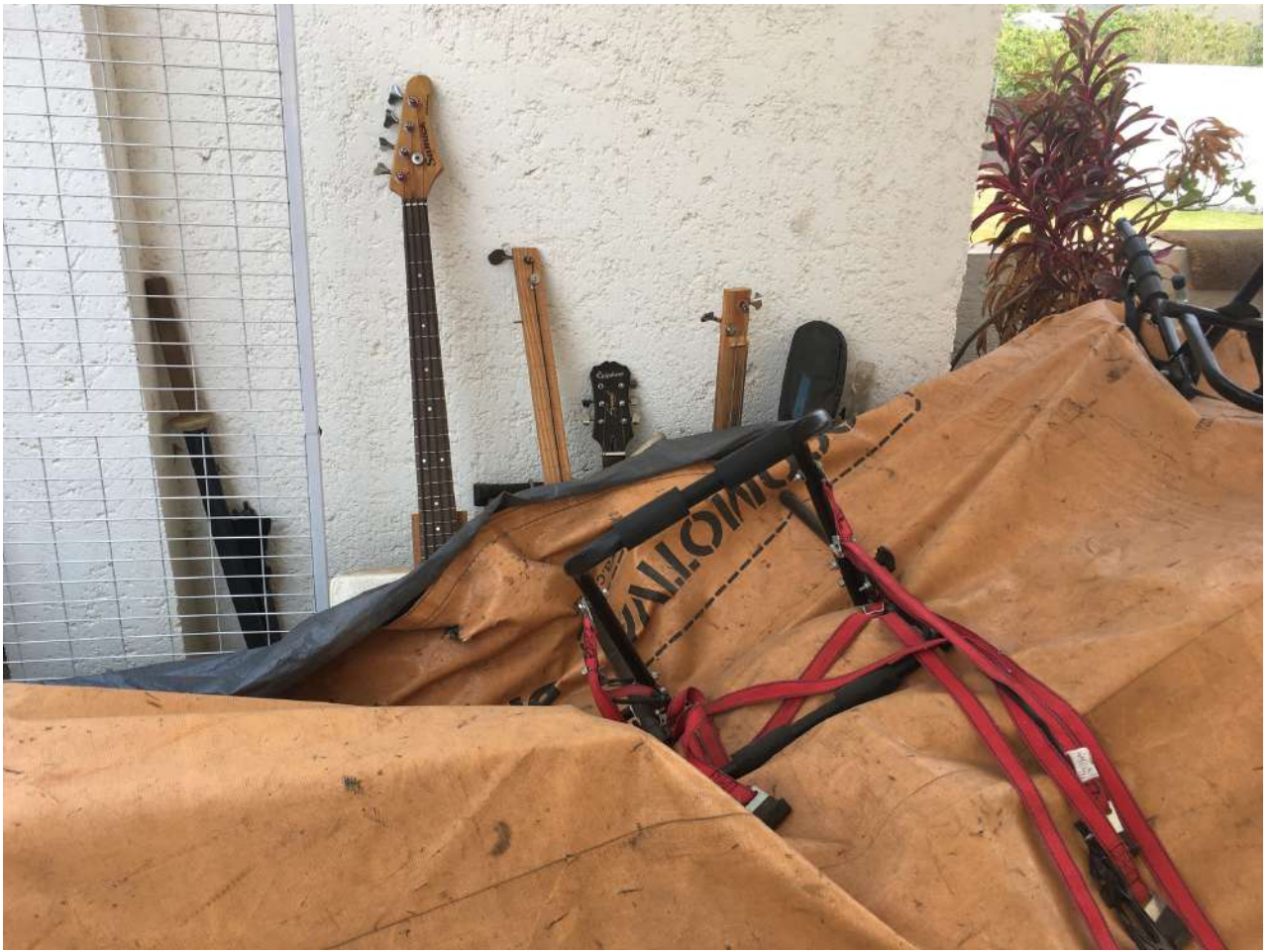




## A morte dos instrumentos

Os barulhos deste lado da vida me mostram  
o grande silêncio do outro lado. No meio deles há  
um caminho que leva à meta.

(Walter Smetak)







## Criar outra vez, mais uma vez

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou – eu não  
aceito.  
Não aguento ser apenas um sujeito que abre  
portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que  
compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,  
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.  
Perdoai.  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

(Manoel de Barros)

